

Ciranda de Saberes: mulheres negras como guardiãs de um conhecimento ancestral

Joelma Antunes¹

ORCID: 0000-0002-7768-8187



Figura 1 – Ciranda de Saberes: mulheres negras como guardiãs de um conhecimento ancestral. Mayana e Mãe Maria de Tempo no terreiro Bandalekongo (Juazeiro/BA).

ANTUNES, Joelma. Ciranda de Saberes: mulheres negras como guardiãs de um conhecimento ancestral. Mayana e Mãe Maria de Tempo no terreiro Bandalekongo (Juazeiro/BA). 2023. Fotografia digital, 35 x 54 cm.

Hoje, é impossível pensar na formação cultural brasileira sem reconhecer as contribuições substanciais de mulheres e homens negros na construção do país. Quando refletimos sobre a memória, cultura e transmissão de saberes, percebemos a importância da oralidade enquanto tecnologia de cuidado e de ensino e aprendizagem. Pensamos numa corporalidade coletiva, um corpo-documento, como nos ensina Beatriz Nascimento, que carrega consigo mais do que as marcas do racismo e do processo colonial. Trata-se de corpo que pode ser entendido aqui “como fenômeno que transcende dualidades, por isso mesmo plástico, dinâmico, autopoético, resiliente, adaptável e atravessado pelas mais distintas formas de ‘dobras’ e ‘quebras’ localizadas na pós-travessia

¹ Doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: Joelmaantunes95@gmail.com.

atlântica” (Martins, 2020, p.8). Um corpo que é síntese de outros corpos que transcrevem e se reescrevem na cidade, forjando formas de vida entre o resistir e sorrir, entre suor e lágrimas.

Dentre essa coletividade, é imprescindível destacar a figura das mulheres negras e dos terreiros de candomblé como um dos grandes espaços de preservação e manutenção da vida comunitária. Diante das diversas atribuições que desempenharam ao longo da história, as mulheres negras trouxeram o cuidado com o outro como um marcador importante para pensar seu papel na sociedade. Essas experiências estão em diferentes esferas, muitas vezes invisibilizadas ou marginalizadas pela historiografia dominante. As quituteiras e ganhadeiras não só ocuparam as ruas, como organizaram arquitetônica e esteticamente a paisagem das grandes cidades, reelaborando modos de viver na garantia da subsistência dos seus (Mattoso,1992; Soares,1994; Albuquerque,1999).

Apesar das inúmeras tentativas de apagamento histórico, desumanização e dominação, essas mulheres insistem em reescrever e *afrografar* sua história com os corpos, perpetuando suas trajetórias e legado e transmitindo afeto, ainda que submetidas em contextos de subordinação, com uma capacidade afiada de rasurar pelas brechas a ordem estabelecida. (Martins, 2002; Carneiro, 2005). Os terreiros de candomblé, são um desses exemplos, de locais que resistem a perseguições e ao ódio religioso e se reafirmam como espaço de cuidado e acolhimento, fornecendo subsídios para a construção de uma outra ontologia de ser, estar e se relacionar com o mundo, fortalecendo a identidade étnica racial de crianças, homens e mulheres.

A fotografia de Mayana e Mãe Maria de Tempo, capturada no Terreiro Bandalekongo, em Juazeiro, Bahia, no ano de 2023, ilustra uma dessas mulheres negras que, de forma insurgente, lideram suas comunidades, mantendo vivos os saberes e práticas que constituem a resistência e a ancestralidade africana no Brasil. A imagem faz parte de uma pesquisa etnográfica realizada dentro do projeto Ciranda do Brincar², que mapeou as práticas lúdicas em quatro comunidades tradicionais da Bahia: marisqueiras, quilombolas, de matriz africana e indígenas. O projeto teve como objetivo documentar a memória brincante dessas comunidades, com especial atenção à transmissão desses saberes para as novas gerações, promovendo também a formação de professores e a inserção do brincar no processo pedagógico³.

O que mais chamou a atenção durante a pesquisa foi a presença marcante das mulheres nos postos de liderança, especialmente as mulheres negras. Elas não só desempenham um papel central no cuidado das suas comunidades, mas também são responsáveis pela preservação e

² Websérie “Ciranda do Brincar”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3qHyXfdQr-E>.

³ Cartilha “Práticas Pedagógicas da Ciranda do Brincar”. Disponível em: <https://assessoriacirandas.org/projetos/ciranda-do-brincar/>.



transmissão dos saberes ancestrais, religiosos e culturais, cumprindo uma função crucial na reorganização da vida comunitária e na formação das novas gerações.

Referências

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *Algazarra nas ruas: Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas: Unicamp, 1999.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Do epistemicídio. In: CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (FEUSP), 2005. p. 96-124.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 7-93.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Gabriela; ARBEX, Márcia (Orgs.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG; Poslit, 2002. p. 67.

MARTINS, Leda Maria. Prefácio. In: TAVARES, Julio Cesar de Org.. *Gramática das Corporeidades Afrodiaspóricas: Perspectivas Etnográficas*.1. Ed. Appris, Curitiba, p.301, 2020.

MATTOSO, Katia M. de Queirós. *Bahia Século XIX: Uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

SOARES, Cecília Moreira. *Mulher negra na Bahia no século XIX*. 1994. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

Recebido em 02/12/2024
Aprovado em 02/12/2024
Publicado em 31/12/2024